

Texto de Charles e Mary Lamb
A Comédia dos Enganos
&
Dois Fidalgos de Verona

Ilustrações de Adriano Renzi



Cidade de
São José dos Campos
Prefeitura Municipal

Texto de Charles e Mary Lamb

A Comédia dos Enganos
&
Dois Fidalgos de Verona

Ilustrações de Adriano Renzi



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal

A Comédia dos Enganos

Quando no passado as cidades de Éfeso e Siracusa viviam em conflito, uma cruel lei efésia determinou que todo e qualquer mercador siracusano pilhado na cidade de Éfeso seria condenado à morte, a não ser que pagasse por sua liberdade um resgate de mil marcos.

Egeu, um velho comerciante de Siracusa descoberto numa das ruas de Éfeso, foi levado à presença da autoridade máxima da cidade — o duque —, a quem deveria pagar o resgate estipulado em lei ou receber a sentença de morte.

Como Egeu não tinha dinheiro para o pagamento de sua liberdade, o duque, antes de pronunciar a sentença fatal, desejou que o mercador lhe contasse a história de sua vida e a razão



pela qual aparecera na cidade de Éfeso, pois, conforme todos sabiam, a presença de siracusanos ali era punida com a morte.

Dizendo que não temia morrer, pois o sofrimento por que passara deixara-o desiludido com a própria vida, o velho Egeu completou que não lhe poderia ter sido imposta tarefa mais pesada que a de relatar os episódios de sua infeliz existência, e assim começou sua história:

“Nasci em Siracusa, onde aprendi a profissão de mercador. Casei-me com uma mulher com quem vivia bastante feliz, mas tive de viajar a Epidamno, onde fiquei por seis meses, por causa de meus negócios. Certo de que teria de me demorar por mais algum tempo, mandei buscar minha esposa, e esta logo que chegou deu à luz dois filhos gêmeos, tão idênticos que era impossível distinguir-se um ou outro.

No exato instante em que nasceram meus descendentes, e na mesma hospedaria onde minha esposa se hospedara, uma pobre mulher também deu à luz dois gêmeos, igualmente mui parecidos, como ocorrera com os nossos. Como os pais das crianças eram muito pobres, eu comprei seus dois meninos a fim de que, como escravos, atendessem meus filhos.

Minha mulher muito se orgulhava de nossos dois excelentes filhos, mas, como diariamente demonstrasse desejos de voltar para casa, mesmo a contragosto concordei em satisfazer sua vontade. Por isso, em má hora embarcamos numa nau, e ainda não nos afastáramos sequer uma légua de Epidamno, eis que surgiu de repente uma terrível tempestade. Essa tempestade prosseguiu com tal violência que os marinheiros, certos de que não conseguiriam salvar a embarcação, amontoaram-se todos num escaler a fim de cuidar das próprias vidas, deixando-nos sozinhos no convés do navio, que a qualquer momento poderia ser destruído pela fúria da tormenta.

O choro incessante de minha mulher e os lastimosos gemidos das crianças, que, não se dando conta do perigo por que passavam, choravam apenas por chorar, imitando o que fazia sua mãe,

deixaram-me temeroso por eles todos; e como eu não tinha medo da própria morte devotei meus pensamentos exclusivamente à salvação de minha família.

Foi assim que preendi meu gêmeo mais novo — isto é, o que nascera por último —, na extremidade de um pequeno mastro-reserva que os marujos costumam usar em caso de tempestades, e fiz o mesmo do outro lado com o mais novo dos escravos — ou seja, o último a nascer — e instruí minha mulher a que fizesse o mesmo em um outro mastro-reserva, com os meninos restantes. Deste modo minha esposa cuidaria dos gêmeos mais velhos, e eu, dos mais novos. Isso feito, nós mesmos nos atamos separadamente em cada mastro onde se achavam as crianças, e foi uma medida mais que providencial, pois senão teríamos tido uma morte certa quando a nau se espatifou de encontro a um recife.

Atados àqueles frágeis mastros, flutuamos ao sabor das ondas e eu, por cuidar de dois meninos, não tive a mínima condição de socorrer minha mulher. Ela, com os outros gêmeos, logo se afastou de mim; pior de tudo, diante de meus olhos, percebi quando eles foram recolhidos por um barco de pescadores coríntios, eu imagino. Ao vê-los a salvo, nada mais me restava senão lutar contra as ondas daquele mar revoltoso, a fim de proteger meu próprio filho e o mais novo dos escravos. E nós fomos resgatados por um navio cujos marinheiros me conheciam e nos deram uma boa acolhida, e nos desembarcaram com plena segurança em Siracusa. O problema foi que, a partir daquela triste hora, nunca mais tive notícias de minha mulher e de meu filho mais velho.

Aos 18 anos, meu filho caçula, isto é, o gêmeo nascido por último — e o que me restava da tragédia —, passou a perguntar-me sobre o paradeiro de sua mãe e de seu irmão. Importunou-me bastante para que eu o autorizasse a correr mundo à procura dos dois e levasse consigo seu jovem escravo, já que também ele tinha perdido um irmão.

Por fim, mesmo contra minha vontade concordei. Embora eu



ansiosamente desejasse ter notícias do paradeiro dos sumidos, receava que, liberando meu filho para aquela missão, corria o risco de também perdê-lo. Pois bem, passaram-se sete anos desde a partida de meu herdeiro, dos quais cinco eu os passei percorrendo terras e mais terras, em seu encalço, procurando-o tão longe quanto a Grécia, e explorando as fronteiras da Ásia, mas sem proveito. Assim, costeando de volta a casa, desembarquei sem querer aqui em Éfeso, sem a mínima esperança de localizar os meus, é verdade, mas ainda assim desejoso de não deixar inexplorado qualquer lugar onde morasse gente. E foi o que me aconteceu, senhor duque, pois aqui termina a história de minha vida; e eu seria capaz de encarar minha morte prematura sem tristeza, caso soubesse que minha mulher e meus filhos ainda vivem!”

Foi assim que o azarado Egeu concluiu o depoimento de seus infortúnios. Mas o duque, embora sentisse pena daquele desafortunado pai, que enfrentara perigos sem conta por amor ao filho desaparecido, disse-lhe que estava obrigado a respeitar a legislação e não podia perdoá-lo. Contudo, em vez de sentenciá-lo a uma morte imediata, conforme a lei exigia, conceder-lhe-ia mais aquele dia, a fim de que o mercador tentasse levantar um empréstimo para o pagamento do resgate.



Aquele dia de misericórdia, contudo, não parecia de grande valia para o pobre Egeu, visto que ele não conhecia ninguém em Éfeso, e era muito improvável que um estranho qualquer lhe emprestasse ou lhe doasse a quantia de mil marcos, com o que pagaria o resgate. Deste modo, desesperançado e impotente, escoltado por um carcereiro, retirou-se da presença do duque.

Egeu imaginava não conhecer ninguém em Éfeso, é verdade, mas no exato instante em que estivera em perigo de perder a própria vida por causa da cuidadosa caça ao filho mais novo, ocorre que este, e o outro, o filho mais velho na sequência do nascimento, achavam-se naquela mesma cidade.

Curiosamente, os dois filhos gêmeos de Egeu, além de parecidíssimos nas feições e na personalidade, tinham o mesmo nome — Antífolo —, o mesmo ocorrendo com seus dois escravos gêmeos, cada qual conhecido por Drômio.

O que tinha acontecido é que Antífolo de Siracusa, o filho caçula por quem Egeu andara procurando, chegou a Éfeso em companhia de seu escravo Drômio no mesmo dia de seu pai. Como fosse ele um mercador siracusano, corria o mesmo risco de morte, mas felizmente se encontrou com um amigo que lhe informou do perigo por que passava naquele momento um velho comerciante de Siracusa, e aconselhou-o a se fazer passar por um negociante de Epidamno. Antífolo concordou de imediato, lamentando que um seu conterrâneo estivesse em risco de morte – mas nem lhe passou pela cabeça que o velho mercador de que o amigo lhe falara pudesse ser seu próprio pai.

Já o filho mais velho de Egeu — o qual será a partir de agora conhecido por Antífolo de Éfeso, a fim de diferenciá-lo de seu irmão, Antífolo de Siracusa —, morava no ducado havia vinte anos. E, sendo um homem rico, decerto dispunha de dinheiro suficiente para pagar o resgate pela vida do pai, só que ignorava por completo seu paradeiro, visto que ainda muito jovem ele e sua mãe haviam sido resgatados do mar por pescadores. A única coisa de que se recorda-

va é que fora salvo, mas desconhecia o que acontecera a seus pais, pois seus salvadores, ao levá-lo junto com o escravo, Drômio, tiraram-nos do convívio da mãe, com a intenção de vender as crianças.

Os meninos Antífolo e Drômio foram vendidos a um famoso guerreiro — o duque Menafon — e este um dia os levou consigo quando fez uma visita a seu sobrinho, que era o próprio duque de Éfeso. Este logo simpatizou com o jovem Antífolo e, quando Antífolo se tornou adulto, nomeou-o oficial de seu exército. O rapaz, por sua grande bravura, se distinguiu em várias batalhas, inclusive tendo salvo em certa ocasião a vida de seu benfeitor. O duque, a fim de recompensá-lo por seus grandes méritos, casou-o com Ariadne — uma rica dama de Éfeso —, em cuja companhia ele vivia, quando o pai fora detido no ducado.

Seu irmão, Antífolo de Siracusa, ao se despedir do amigo que o aconselhara a se fazer passar por um mercador de Epidamno, entregou a Drômio, seu escravo, certa importância em dinheiro, para que a levasse à estalagem onde pretendia almoçar — enquanto isso, daria um passeio a fim de conhecer a cidade e observar os costumes do povo.

Drômio era um homem agradável e, quando Antífolo de Siracusa se sentia entediado e abatido, costumava diverti-lo com seu bom-humor e suas tiradas espirituosas, de modo que havia uma espécie de liberdade entre os dois, diferentemente do que costumava acontecer entre amos e servos.

Logo que Antífolo de Siracusa despachou Drômio, pôs-se a refletir sobre sua solitária peregrinação à procura da mãe e do irmão gêmeo — em nenhum dos lugares por onde tinha passado, tinha encontrado o menor sinal deles. E disse pesarosamente a si mesmo: “Sou como uma gota d’água no oceano, a qual, procurando por suas gotas companheiras, acaba se perdendo na imensidão do mar. Assim, por infelicidade, na ânsia de encontrar minha mãe e meu irmão, acabo eu mesmo me perdendo.”

Enquanto meditava sobre suas fatigantes viagens, que até o mo-

mento tinham sido inúteis, Drômio — assim presumia o amo — retornava de sua incumbência. Antífolo, surpreso com o fato de seu servo ter voltado tão cedo, perguntou-lhe onde tinha deixado o dinheiro que lhe entregara.



Só que o homem a quem se dirigia não era propriamente o seu Drômio, mas o irmão gêmeo deste, que, como vimos, morava na mesma cidade em companhia de Antífolo de Éfeso. Acontece que, mesmo na idade adulta, os dois Drômios e ambos os Antífolos continuavam idênticos, como tinham sido na infância, de modo que não era de estranhar que Antífolo pensasse que fora seu próprio servo quem voltava, e por isso lhe perguntasse por que retornava tão cedo.

Espantado, Drômio respondeu:

— Minha ama ordenou-me que o procurasse, para que o senhor vá almoçar. O fato é que o frango está tostando, o leitão pode cair do espeto de tanto se revirar e a carne decerto esfriará se o senhor não voltar logo para casa.

— O momento não é para brincadeiras — protestou Antífolo. — Onde você deixou a bolsa que lhe entreguei? E que história é essa de ama?

— Ora, sua adorada esposa, meu senhor!

Como não era casado, Antífolo irritou-se com Drômio e o censurou:

— Às vezes conversamos amigavelmente, é verdade, mas isso não lhe dá o direito de gracejar desse modo, tanto mais que no momento não me acho de bom-humor. Vamos lá, o que foi feito do dinheiro? Só porque somos forasteiros nesta terra, ousas desafiar-me?

Drômio, que julgava estar dialogando com seu próprio amo, imaginou que este estivesse caçoando quando se referira ao fato de serem estranhos na cidade, e alegremente retrucou:

— Eu lhe suplico meu senhor, brinque quando estiver sentado

à mesa. Pois não recebi nenhuma outra incumbência, senão a de levá-lo a almoçar em companhia de minha ama e de sua irmã.

Foi quando Antífolo perdeu a paciência e esmurrou Drômio, que retornou correndo para casa, comunicando à ama que seu marido se recusava a voltar e, pior, jurava que não era casado!

Ariadne, a esposa de Antífolo de Éfeso, ficou furiosa quando soube que o marido dissera que não era casado. Como era ciumenta ao extremo, logo imaginou que ele gostasse mais de outra mulher do que dela, sua legítima esposa. Tomada assim de ciúmes, irritou-se e pôs-se a proferir impropérios e a condenar a atitude do marido. A irmã Luciana, que morava em sua companhia, tentou convencê-la a não se deixar envenenar por causa de meras suspeitas, mas nada conseguiu.

Pouco depois Antífolo de Siracusa chegou à estalagem, onde se deparou com Drômio, seu verdadeiro escravo, o qual ainda se encontrava na posse do dinheiro que seu amo lhe passara. Antífolo se preparava para censurá-lo uma vez mais, por suas recentes liberdades, quando Ariadne apareceu de repente. Não duvidando que a pessoa à sua frente fosse de fato o próprio marido, ela passou a repreendê-lo por ignorá-la, o que deixou o homem simplesmente perplexo, pois jamais vira aquela mulher antes, menos ainda em tamanha exaltação. Nervosa, Ariadne relembrou ao suposto marido o modo como este a amava antes do casamento, e lamentou-se que agora, para sua decepção, ele dedicasse amor a outra mulher.

— O que eu fiz de errado, meu marido? — indagou Ariadne. — Como e por que terei perdido o seu amor?

— Quem a senhora acha que sou, preciosa dama? — retorquiu Antífolo mais que perplexo.

Em vão, ele lhe disse que não era seu marido e que se encontrava em Éfeso havia apenas duas horas. Mas ela tanto insistiu que ele fosse à sua casa, que Antífolo, sem outro recurso para se safar, concordou em acompanhar aquela estranha à sua residência, onde almoçou em companhia de Ariadne e de sua irmã Luciana, com a

primeira tratando-o por marido e a segunda, por cunhado.

Atônito, Antífolo de Siracusa se perguntava se por acaso teria desposado aquela mulher em sonhos, ou se naquele momento é que estava sonhando. Enquanto isso, Drômio, que seguira o amo, demonstrava não menos surpresa, pois a cozinheira da casa, mulher de seu irmão gêmeo, também o tratava como marido.

Enquanto Antífolo de Siracusa almoçava em companhia da



esposa de seu irmão gêmeo, o verdadeiro marido e seu escravo Drômio voltaram para casa, mas a criadagem não lhes abriu a porta, porque a patroa ordenara que não permitissem a entrada de ninguém. Quando os dois insistiram, gritando que eram Antífolo e Drômio, os criados caíram na gargalhada, visto que o patrão estava à mesa, naquele instante, almoçando com a esposa e Drômio se encontrava na cozinha. E mesmo quando quase botaram a porta abaixo de tanto bater, os criados continuaram irredutíveis, não os deixando entrar, até que Antífolo foi-se embora, contrariado e estranhamente surpreso com a notícia de que um outro homem almoçava com sua mulher.

Ao terminar o almoço, Antífolo de Siracusa continuava perplexo com a insistência com que aquela senhora continuava a tratá-lo como seu marido. Ao tomar conhecimento de que o mesmo ocorreria com Drômio, que a cozinheira também tomava como esposo, ele se foi embora logo que encontrou um pretexto para sair, pois, embora tivesse gostado de Luciana, irmã da dona da casa, os destemperos verbais de Ariadne o incomodavam muito, sensação que também tinha Drômio, na cozinha, igualmente insatisfeito com as atitudes de sua suposta esposa. Assim, tanto amo quanto escravo trataram de fugir o quanto antes de suas “novas e inesperadas” mulheres.

Tão logo se retirou, Antífolo de Siracusa foi abordado por um joalheiro, o qual, chamando-o por seu próprio nome – pois o confundia com Antífolo de Éfeso, conforme Ariadne também fizera –, entregou-lhe um cordão de ouro. Diante da recusa do mercador de recebê-lo, dizendo que aquilo não lhe pertencia, o artesão retrucou que fizera a joia por encomenda dele, Antífolo – e lhe entregou a gargantilha e foi-se embora. Contrariado, Antífolo ordenou ao escravo Drômio que levasse suas bagagens a um navio qualquer prestes a zarpar, pois não mais lhe agradava continuar num lugar onde se deparara com tão estranhas aventuras, todas elas, no seu entender, enfeitçadas.

O joalheiro, que entregara a joia ao Antífolo errado, foi preso

logo em seguida por causa de uma dívida. Aconteceu que Antífolo de Éfeso, o irmão gêmeo casado, a quem o joalheiro imaginava ter dado a gargantilha de ouro, passava pelo local quando um guarda fazia sua detenção. O artesão então o chamou, exigindo o pagamento pelo cordão de ouro que há pouco lhe passara às mãos, e cujo valor era praticamente o mesmo pelo qual o prendiam.

Antífolo de Éfeso negou que tivesse recebido qualquer joia, mas o joalheiro persistiu em sua declaração de que lhe entregara, há poucos minutos, uma gargantilha de ouro, de modo que discutiram por bastante tempo, ambos certos de que cada qual estava com a razão. O joalheiro foi por fim levado para a prisão, por causa de sua dívida, mas não antes de exigir que o carcereiro também prendesse Antífolo pelo valor da joia encomendada: deste modo, a discussão terminou com os dois — Antífolo e o joalheiro — levados presos.

A caminho da cadeia, Antífolo de Éfeso encontrou-se por acaso com Drômio de Siracusa, ou seja, o escravo do irmão. Confundindo-o com seu próprio servo, ordenou-lhe que procurasse Ariadne, sua esposa, para que lhe mandasse dinheiro no valor pelo qual fora detido. Drômio, ao ver que seu amo pretendia mandá-lo de volta àquela estranha casa onde haviam almoçado, e de onde haviam procurado sair tão cedo quanto possível, pensou em contestar, mas só de olhar para o semblante do amo, concluiu que ele não estava para brincadeiras.

Por isso, retirou-se mais que depressa, resmungando:

— É o cúmulo, ter de voltar aonde a tal Eudóxia me toma por seu marido, mas fazer o quê? Nós, os servos, temos de obedecer às ordens de nossos amos!

Ariadne providenciou imediatamente a importância pedida e Drômio saiu de volta ao encontro de seu mestre. Enquanto isso, Antífolo de Siracusa estava cada vez mais pasmo com as surpreendentes aventuras por que passava, visto que era constantemente confundido com alguém com quem muito se parecia e que além de tudo era bastante popular em Éfeso, pois praticamente todos os

homens por quem passava na rua o tratavam pelo nome e o cumprimentavam como se fora ele um velho conhecido. Alguns lhe ofereciam dinheiro que alegavam lhe dever, outros o convidavam para uma visita e outros ainda agradeciam por uma gentileza qualquer recebida – todos, naturalmente, tomando-o por seu irmão gêmeo. Um alfaiate lhe mostrou algumas peças de seda, que comprara para ele, e em seguida insistiu em tomar suas medidas, a fim de costurar algumas roupas.

Antífolo começou a pensar que se encontrava numa terra de bruxos e feiticeiros. Ora, Drômio em nada aliviou tamanha preocupação de seu amo ao lhe entregar a bolsa com dinheiro que Ariadne lhe passara, perguntando como ele tinha se livrado do guarda que o levava preso.



Toda aquela conversa de Drômio, que falava de detenção e prisão, e do dinheiro que Ariadne lhe mandara entregar, deixou Antífolo ainda mais confuso, a ponto de exclamar:

— Drômio deve estar perturbado, e é claro que aqui vagamos em meio a ilusões!

E, apavorado com seus próprios e confusos pensamentos, concluiu em voz alta:

— Que um abençoado poder nos livre deste lugar tão esquisito!

De repente surgiu uma nova estranha, uma mulher que também o tratou por seu próprio nome, Antífolo, e lhe disse que almoçara com ele naquele mesmo dia, e lhe perguntou pela gargantilha de ouro que lhe fora prometida. Foi quando Antífolo perdeu toda a paciência e, chamando-a de bruxa, negou que jamais lhe tivesse prometido qualquer joia, ou que tivesse almoçado em sua companhia, ou que a conhecesse antes daquele momento. Mas a mulher insistia, afirmando que almoçara com ele, e que durante o almoço ele lhe prometera um cordão de ouro, o que Antífolo de Siracusa



A. Renzi

negava de todas as formas. Ela disse também que lhe dera um valioso anel e, caso ele não a presentearse com a correntinha de ouro, conforme prometido, ela exigia que lhe devolvesse o tal anel.

Foi o bastante para Antífolo de Siracusa ficar furioso. Uma vez mais tratando a estranha por bruxa e feiticeira, tornou a negar que a conhecia, ou que tivesse recebido um seu anel, e foi-se embora, deixando-a perplexa com o que ouvira e abismada com a expressão feroz no rosto daquele senhor, que teimava em negar tudo o que ela dizia. A ela, é claro, parecia mais que certo que haviam almoçado juntos e que ela lhe dera um anel em troca da promessa de ganhar uma gargantilha de ouro. Mas ela era apenas mais uma vítima das mesmas confusões ocorridas com os demais, pois tomara aquele homem por seu irmão gêmeo. A verdade é que o outro Antífolo, Antífolo de Éfeso, o gêmeo casado, tinha feito tudo o que ela disse.

De fato, esse Antífolo, o casado, ao lhe negarem entrada em sua própria residência — pois os criados já o imaginavam em casa — foi-se embora muito bravo, acreditando que a ridícula ordem devia-se a mais um dos frequentes acessos de ciúmes de sua esposa. Lembrando-se que ela tinha por hábito acusá-lo falsamente de andar com outras mulheres, decidiu se vingar pelo fato de ter sido enxotado do seu próprio lar e, pela primeira vez, resolveu realmente fazer isso. Assim, convidou para almoçar uma moça que encontrou, e que o tratou com grande gentileza, muito diferente do que — imaginava — a esposa havia feito.

A fim de completar sua vingança, prometeu dar à moça a gargantilha de ouro que ele tinha encomendado para a própria esposa. Essa gargantilha era a mesma joia que o joalheiro entregara por engano a seu irmão gêmeo. Por sua vez, a moça com quem ele almoçou apreciou tanto a ideia de possuir uma fina corrente de ouro, que em troca deu a ele um anel. Ora, quando ela encontrou o outro Antífolo e perguntou-lhe sobre a gargantilha, ele não só negou saber dessa joia, como disse à jovem que não a conhecia. Pensando que Antífolo certamente estava fora de seu juízo normal, ela resolveu



procurar Ariadne, a fim de alertá-la de que o marido estava louco. Enquanto falava com Ariadne, eis que chegara o verdadeiro esposo, escoltado por um policial, que o levava à sua casa a fim de recolher o dinheiro para pagamento do cordão de ouro. Mas, como vimos, Ariadne já tinha despachado uma bolsa com dinheiro, por intermédio de Drômio, só que Drômio a entregara ao Antífolo errado.

Enquanto Ariadne se perguntava se podia ser verdadeira a histó-

ria que aquela mulher lhe contava da loucura de seu marido, este chegou e a repreendeu por tê-lo impedido de entrar no próprio lar. Ariadne então lembrou-se de como ele protestara, durante todo o almoço, de que não era seu marido e que nunca estivera em Éfeso, a não ser a partir daquele mesmo dia. Ela então concluiu que o marido estava de fato desequilibrado. Decidiu pagar ao carcereiro o valor devido e, após despachá-lo, ordenou aos criados que amarrassem o esposo, levassem-no a um quarto escuro e chamassem um médico para curar sua demência. Antífolo, é claro, protestou furiosamente contra aquela falsa acusação. Só que seu acesso de raiva parecia confirmar que ele de fato tivesse enlouquecido. E como Drômio insistisse na mesma história, os servos também o amarraram e trancaram no quarto.

Algum tempo depois de Ariadne ter trancafiado o marido, apareceu um empregado com a estranha notícia de que Antífolo e Drômio certamente tinham fugido, pois tinham sido vistos caminhando em liberdade numa rua ali perto. Ao ouvir isso, Ariadne, em companhia da irmã Luciana, saiu correndo para trazer de volta o marido, levando consigo algumas pessoas, a fim de novamente o prender. E foi às portas de um convento das vizinhanças que avistou os dois fujões.

Enquanto isso, Antífolo de Siracusa continuava incomodado com todas aquelas confusões. A gargantilha que recebera ainda estava em seu pescoço, e ele não entendia por que o joalheiro censurara-o por não querer pagá-la. Afinal, tinha sido o próprio homem que lhe tinha dado a joia voluntariamente, sem que ele, Antífolo, a tivesse pedido ou encomendado.

Foi neste momento, diante do convento, que surgiu Ariadne, tratando-o por seu lunático esposo que teria fugido, e quando os homens que ela tinha trazido já estavam a ponto de prender os dois fugitivos, estes entraram correndo no convento, e Antífolo pediu que lhe dessem abrigo.

Naquele instante, surgiu a madre-superiora, a fim de investigar a

causa do tumulto. Era ela uma pessoa sisuda e respeitável, e prudente o bastante para não julgar apressadamente o que via. Assim, para evitar qualquer precipitação ao julgar o caso do homem que lhe pedia refúgio, achou melhor esclarecer bem a história que aquela senhora contava sobre a loucura do marido. Por isso, indo até o portão, dirigiu-se a Ariadne, perguntando:

— Afinal, qual é a causa da súbita loucura do seu marido? Será que ele perdeu a fortuna num naufrágio? Ou morreu algum de seus amigos queridos?

Ariadne respondeu que nada disso tinha acontecido.

— Talvez, — continuou a superiora da abadia — ele tenha se interessado por outra mulher, no lugar da senhora, e tenha sido isso que o deixou nesse estado.

Ariadne disse que fazia tempo que imaginava que o amor de seu marido por uma outra mulher o levava a frequentes saídas de casa.

Na verdade, não era amor por outra mulher, mas sim os insuportáveis e costumeiros acessos de ciúmes da esposa a causa de Antífolo sair de casa frequentemente. A madre-superiora, pela atitude de Ariadne, logo desconfiou disso. A fim de conhecer toda a verdade, exclamou:

— A senhora deveria tê-lo repreendido por tais atitudes!

— Ora, mas é exatamente o que tenho feito!

— Sim, mas talvez não o bastante — tornou a superiora.

Ariadne, desejando convencer a madre-superiora de que sempre censurara Antífolo, disse:

— Era esse o tema frequente de nossas conversas, a ponto de, na cama, eu jamais o deixar pegar no sono antes de falarmos disso. À mesa, eu nunca permitia que começasse qualquer refeição sem antes tocarmos no assunto. Quando estávamos a sós, não se falava de outra coisa, e mesmo na companhia de outras pessoas eu fazia questão de dar-lhe algumas pistas sobre esse assunto. E eu sempre lhe dizia o quão injusto e perverso era o fato de ele amar outra mu-



lher em vez de mim, sua legítima esposa.

A superiora do convento, com isso, conseguia extrair da ciumenta Ariadne uma completa confissão. E disse:

— E deste modo a senhora concluiu que o seu marido está desequilibrado. Acontece que a língua de uma mulher ciumenta tem um veneno mais mortífero que os dentes de um cão raivoso. Ao que parece, o sono do seu esposo foi perturbado por suas lamúrias. Não me surpreende que a cabeça dele esteja assim tão confusa. Além disso, refeições intranquilas causam indigestões. Tudo isso naturalmente o levou à tensão em que se encontra. A senhora disse que o humor do seu marido pode ter sido perturbado por suas brigas de casal. Ora, que mais lhe poderia acontecer, senão uma tediosa melancolia e um desconfortável desespero? O fato é que os seus ataques de ciúmes enlouqueceram seu esposo.

Luciana tentou desculpar a irmã dizendo à madre-superiora que esta costumava censurar o marido, sim, mas sempre de modo gentil.

Mas a madre-superiora fez Ariadne entender tão claramente seu próprio erro, que ela limitou-se a dizer:

— Ela me fez ver como eu sou. Agora, eu mesma me censuro pelo que fiz!

Apesar de envergonhada, Ariadne insistiu em que os criados fossem recolher seu marido, mas a superiora da abadia não permitiu, dizendo-lhe que não toleraria qualquer invasão do convento, nem devolveria aquele infeliz homem aos cuidados de uma esposa tão ciumenta. Eram necessários meios mais brandos a fim de recuperá-lo, disse, e em seguida voltou para dentro do prédio, ordenando que seus portões fossem imediatamente fechados.

Ao longo de um dia tão movimentado, durante o qual tantas confusões tinham acontecido, em virtude da semelhança dos gêmeos, o dia de graça do velho Egeu estava perto de seu fim, pois o pôr do sol já se aproximava, e ele estava condenado a morrer no crepúsculo, caso não pagasse o resgate.

Ora, no exato instante em que a madre-superiora voltou para o

interior do mosteiro, o velho Egeu compareceu ao local da execução, que ficava nas proximidades, escoltado pelo duque em pessoa, pois, se alguém se oferecesse para pagar a importância estipulada em lei para a libertação do réu, o duque queria estar presente para poder perdoar o condenado.

Ariadne, ao se deparar com o cortejo, pediu justiça ao duque, acusando a madre-superiora de se recusar a devolver-lhe o marido. Enquanto assim falava, o verdadeiro esposo, que tinha conseguido se libertar, também chegou ao local, acompanhado de Drômio, para queixar-se ao duque de que a esposa, sob a falsa alegação de loucura, o prendera em casa – e descreveu o modo como tinha se livrado das amarras e iludido a vigilância dos servos. Ariadne, como não poderia deixar de ser, surpreendeu-se de ver ali seu próprio marido, pois pensava que ele estivesse no interior do convento.

Por sua parte, Egeu, ao ver Antífolo de Éfeso, concluiu que se tratava do outro filho, que saíra de casa em busca da mãe e do irmão desaparecidos, e sentiu-se salvo, pois obviamente o rapaz pagaria o valor exigido por seu resgate. Foi assim que, deste modo, com legítima afeição paterna, dirigiu a palavra a Antífolo, profundamente aliviado por se ver livre da morte. Mas, para total estarecimento seu, o filho disse que não o conhecia – o que de fato era verdade, pois ele não via o próprio pai desde que haviam se separado na infância, quando o navio naufragou.

Enquanto o infeliz e velho Egeu tentava em vão fazer com que o filho o tratasse como pai, achando que ele talvez não o estivesse reconhecendo, pois já fazia sete anos que Antífolo de Siracusa saíra de casa para procurar a mãe e o irmão, eis que, causando grande surpresa, surgiram do interior da abadia a irmã-superiora e os outros Antífolo e Drômio. Atônita e confusa, Ariadne via diante de si, de repente, dois maridos e dois servos!

Foi nesse momento que todas as confusões se esclareceram por completo. Quando o duque viu dois Antífolos e dois Drômios, tão exatamente iguais, logo viu a solução daqueles aparentes mistérios,

pois se lembrou da história que Egeu tinha lhe contado naquela mesma manhã. Aqueles homens só podiam ser os dois filhos de Egeu e seus dois escravos!

Nesse instante, uma nova e inesperada alegria completou a história que o velho mercador contara logo cedo: a venerável madre-superiora revelou ser nem mais, nem menos que a esposa de Egeu, há tanto tempo desaparecida – e a dedicada mãe de seus dois Antífolos.

Ela contou a todos que, quando os pescadores lhe tomaram as crianças, pediu abrigo num convento, e mais tarde foi elevada à condição de madre-superiora – e agora, ao cumprir os deveres de hospitalidade para com um infeliz estranho, sem saber protegera o próprio filho.

Os alegres cumprimentos e as afetuosas saudações que se seguiram após tão prolongada separação entre pais e filhos fizeram com que todos se esquecessem de que o velho Egeu ainda se achava pendente de sua sentença de morte. Todavia, logo que se aquietaram um pouco, Antífolo de Éfeso se ofereceu para pagar o resgate pela vida do pai, mas o duque voluntariamente perdoou o idoso mercador, recusando-se a receber o dinheiro.

Acompanhado da madre-superiora, de seu marido e filhos, o duque foi ao convento, a fim de ouvir tudo o que aquela família tinha a comentar sobre um final tão feliz após uma sucessão de tantos infortúnios. Não se pode esquecer também a humilde satisfação demonstrada pelos dois servos gêmeos, que receberam os mesmos cumprimentos e congratulações. Cada Drômio louvou os bons aspectos de cada um deles, e ambos ficaram bastante satisfeitos por se verem — à moda de um espelho —, tão formosamente refletidos um no outro.

Ariadne absorveu muito bem os sábios conselhos de sua sogra, e a partir de então deixou de alimentar injustas suspeitas e infundados ciúmes com relação a seu marido.

Em complemento, Antífolo de Siracusa casou-se com Luciana, a

ΔΙΚΑΙΟΛΟΓΟΥΜΕΝΟΣ



meiga cunhada de seu irmão. E o velho e bom Egeu, a mulher e os filhos moraram em Éfeso durante muitos anos.

A solução de tantas e tantas confusões, no entanto, não afastou por completo a possibilidade de novos enganos. Às vezes, revivendo os passados incidentes, aconteciam cômicos equívocos, quando um Antífolo ou um Drômio eram confundidos com o irmão, prosseguindo assim essa agradável e divertida comédia dos enganos.



Dois Fidalgos de Verona

Valentim e Proteu eram dois jovens da corte de Verona, na antiga Itália. Havia entre esses dois nobres uma grande amizade, pois tinham estudado juntos e juntos costumavam se divertir. Na verdade, separavam-se apenas quando Proteu saía para namorar a jovem Júlia, uma linda moça por quem era loucamente apaixonado.

Nesse caso, e somente nesse caso, eles não combinavam, simplesmente porque Valentim não era do tipo de gostar de namoros. Ele chegava até mesmo a se incomodar quando o amigo falava da namorada e aí então zombava do companheiro:

— Proteu, você é um tolo, um escravo do amor!

E garantia que nunca perderia seu tempo com romances. “Umás bobagens, esses tais namóricos” costumava dizer. “Coisas de quem não tem o que fazer”. Preferia mil vezes continuar livre e feliz com a vida que levava, sem passar pelos sofrimentos de amor que infernizavam o amigo.

Um dia, porém, o destino resolveu separar os companheiros, mesmo que por pouco tempo. Numa certa manhã, Valentim disse a Proteu que estava com viagem marcada para Milão. Proteu, que não queria ficar sem a companhia do grande amigo, tentou convencê-lo a não viajar, mas nada conseguiu.

— Por favor, Proteu, — pediu Valentim — vamos parar com isso! Você bem sabe que não quero passar minha juventude trancado dentro de casa. Quero viajar, conhecer outros lugares. Se você não estivesse tão preso a Júlia, eu certamente o convidaria para me acompanhar, e juntos poderíamos ver as maravilhas do mundo fora dos muros de Verona.



Os dois jovens então se separaram, jurando manter para sempre a mesma amizade.

Naquele mesmo dia Valentim começou sua viagem para Milão. Proteu, sentindo a falta do amigo, resolveu, para passar o tempo, escrever uma carta para a namorada, e pediu a Miranda, criada de Júlia, que a entregasse.

Por mais estranho que possa parecer, Júlia, que também estava apaixonada por Proteu, recusou-se a receber a carta dele e ainda brigou com a empregada, exigindo que a moça se retirasse imediatamente do quarto.

Apesar disso, morria de curiosidade. O que será que Proteu lhe escrevera? Será que ele continuava apaixonado? Ou mudara de opinião? Decidida a saber a verdade, mas fingindo não dar importância, para que Miranda não percebesse suas verdadeiras intenções, chamou de volta a criada e lhe perguntou:

— Que horas são?

Miranda, que não era nenhuma boba, logo percebeu o desejo oculto da patroa: Júlia, na verdade, não estava interessada nas horas, mas queria saber o que dizia a carta do namorado. Por isso, sem nada responder, Miranda estendeu de novo a Júlia o envelope mandado por Proteu.

Foi o bastante para Júlia se irritar e quase arrancar os cabelos, de tanta raiva. “Desaforada!”, pensou. “Quem é você para imaginar o que se passa em minha cabeça?” Revoltada e aos gritos, rasgou a carta em pedacinhos e os atirou ao chão, expulsando a criada uma vez mais.

Antes de sair, Miranda ia recolher os pedacinhos de papel para jogá-los fora, mas Júlia a impediu, berrando com irritação

— Vai embora, infeliz, deixe tudo aí! Não quero vê-la mexendo nesses pedacinhos de papel só para me irritar!

Apesar de toda aquela furiosa cena, pouco depois que Miranda se retirou, Júlia começou a catar os tais pedacinhos de papel. Ela procurava, tanto quanto possível, refazer a carta rasgada, e a primeira frase que conseguiu juntar foi justamente sua assinatura: “Proteu, ferido pelo amor”.

Ao ler aquelas palavras, a moça quase chorou de tristeza e lamentou o que havia feito. Assim, após apanhar do assoalho os pedacinhos da carta, Júlia continuou tentando juntá-los um a um, como num grande quebra-cabeça, soluçando de vez em quando, de tristeza.

Romântica, como de costume, Júlia começou a fazer uma coisa estranha, na verdade uma infantilidade, pois começou a conversar com todas aquelas belas palavras escritas, como se estivesse na presença do namorado.

Mas ela logo se convenceu que seria impossível montar todo o quebra-cabeça. Envergonhada com sua própria ingratidão ao destruir — como ela mesma confessava — “cada doce e amada palavra recebida”, escreveu para o namorado uma carta ainda mais amável — como, aliás, nunca fizera antes.

Proteu pulou de alegria ao receber, alguns dias depois, uma resposta tão favorável à sua carta, e ao ler cada frase, exclamava:

— Oh! Júlia, doce Júlia, vida de minha vida!...

Mas em meio a todo esse encanto foi interrompido pelo próprio pai, que lhe perguntou:

— De quem é essa carta que você está lendo?

Não querendo que o pai soubesse dos seus amores, o jovem Proteu preferiu mentir:

— É uma carta do meu amigo Valentim, que me escreveu de Milão!

— Pois, deixe-me vê-la — pediu o pai. — Gostaria de saber as novidades.

— Não há novidade alguma — disse o jovem, preocupado com a mentira que estava pregando. — Ele me conta apenas que o duque de Milão gosta muito dele e o trata diariamente com muitas gentilezas. Ah! E diz também que gostaria que eu estivesse em sua companhia, para ser um parceiro de sua boa sorte.

— E o que você acha disso? — perguntou o pai.

— Uma boa ideia, claro, mas para falar a verdade, prefiro confiar mais no senhor, que sempre achou que eu deveria ficar aqui — respondeu Proteu, fazendo-se passar por bonzinho.

O que ele não imaginava, é que o pai, preocupado com o destino do

filho, tinha consultado um velho e sábio companheiro. E esse companheiro havia sido o mais franco possível: achava que Proteu não devia ficar “mofando” dentro de casa, não devia passar toda sua mocidade entre quatro paredes, mas, como acontecia com outros jovens, devia ser mandado para longe, para aprender mais sobre o mundo e a vida.

— Alguns — explicara-lhe o amigo — mandam os filhos para as guerras, para descobrir ilhas distantes, para estudar em universidades estrangeiras ou ainda, simplesmente, para passar uma boa temporada num ducado qualquer. Não foi o que aconteceu com Valentim, companheiro de seu filho, que foi para a corte do duque de Milão? Em minha opinião, foi desvantajoso para Proteu não ter viajado com Valentim.

Um bom conselho, claro! E como, agora, Valentim supostamente escrevia dizendo que Proteu devia juntar-se a ele, o pai de Proteu resolveu imediatamente mandar o filho para Milão. Mas não lhe deu qualquer razão para isso. Era de seu feitio dar ordens, em vez de discuti-las.

— Concordo com Valentim. Você deve juntar-se a ele! — foi só o que disse.

Percebendo a surpresa do filho, acrescentou:

— Não se espante com minha decisão: você passará algum tempo na corte do duque de Milão, e estamos conversados! De minha parte já está resolvido e bem sabe que quando eu decido alguma coisa, é como um ponto final. Prepare-se para viajar amanhã mesmo e não me venha com desculpas; não estou disposto a voltar atrás.

Proteu sabia que de nada valeria discutir com o pai. Lamentava ter inventado aquela suposta carta de Valentim, mas agora era tarde demais: teria mesmo que se afastar de Júlia, sua doce e querida namorada, mesmo que por curto tempo. Seria esse o castigo por ter mentido.

Logo que Júlia soube que ficaria sem Proteu, resolveu confessar claramente o seu amor. E os dois apaixonados promoveram uma triste sessão de despedidas, naturalmente jurando fidelidade. Para completar, trocaram anéis, prometendo os dois que os usariam para sempre, a fim de que nunca se esquecessem um do outro.

Deste modo, triste com a partida, Proteu iniciou sua viagem para Milão, onde estava vivendo o amigo Valentim.



O que Proteu não sabia, é que Valentim tinha mesmo caído nas boas graças do duque de Milão. E acontecera também outra coisa que ele, Proteu, jamais poderia sonhar: Valentim se transformara, de repente, num indivíduo romântico, num jovem apaixonado.

Sílvia, filha do duque de Milão, era a responsável pela fantástica e inesperada transformação. Ela amava Valentim, e seu amor era por ele correspondido, mas os dois namorados procuravam esconder de todos essa paixão. Porque, embora demonstrasse grande consideração por Valentim, e o convidasse diariamente a frequentar seu palácio, o duque já tinha decidido casar a filha com dom Túrio, um jovem nobre de Verona. O problema era que Sílvia detestava esse noivo arranjado, achando que ele não tinha as boas maneiras e as excelentes qualidades de Valentim. Além disso, ela estava realmente apaixonada por Valentim e não pretendia perdê-lo.

Certo dia, quando os dois rivais – Valentim e Túrio – conversavam com Sílvia, o duque apareceu de repente contando uma boa nova: a chegada de Proteu.

— Excelente! — exclamou Valentim. — Se havia uma coisa que eu desejava era tê-lo aqui comigo. — Em seguida, elogiou o amigo ao máximo. — Meu senhor, enquanto eu sempre perdi meu tempo à toa, Proteu soube aproveitar seus dias. É uma pessoa completa, no físico e no espírito, um verdadeiro cavalheiro!

Após ouvir tais elogios, o duque determinou:

— Nesse caso, recebam bem nosso novo visitante! Ordeno a vocês, Sílvia e dom Túrio, que tratem bem o jovem Proteu. Quanto a Valentim, nem é necessário dizer isso, pois já são grandes amigos.

Nisso, foram interrompidos pela entrada de Proteu. Valentim apresentou-o a Sílvia, dizendo:

— Linda moça, receba este meu companheiro, que, como eu, estará sempre a seu serviço.

Logo que os dois amigos encerraram a visita, e já a sós, Valentim perguntou a Proteu:

— Como e por que você veio para Milão? E como está Júlia, sua namorada, sua grande paixão?

Proteu, ao responder, parecia intrigado:

— Francamente, meu caro, você sempre se irritava com as histórias de meu namoro com Júlia! Como é que agora ficou interessado?

Valentim procurou se justificar:

— É verdade, mas agora tudo mudou e eu vejo que estava errado por condenar o seu namoro. Em vingança por meu antigo desprezo, esse tal de amor também me escravizou. Oh! Meu caro Proteu! O amor é um senhor muito poderoso. Agora eu sei que nada há pior do que contrariar o amor e nada melhor que estar a seu serviço. Hoje não penso em mais nada: sou capaz de tomar meu café da manhã, almoçar, jantar e dormir só pensando no amor.

Ver a transformação do amigo teve um sabor de vitória para Proteu, um eterno apaixonado. Só que, a partir daí, as palavras “amigo” e “amizade” como que deixariam de existir para os dois.



Pois, a todo-poderosa deusa do amor invadira e dominara o coração dos dois amigos de uma forma que ameaçava separá-los para sempre.

Pode parecer estranho, mas o fato é que bastou um breve contato com Sílvia para que o jovem Proteu, até então um exemplo de amizade perfeita, mudar por completo. Passava de repente à condição de um falso amigo e de um namorado infiel. Como num passe de mágica, foi só ver a filha do duque, e toda sua afeição por Júlia desapareceu por completo. Além disso, a longa amizade que ele nutria por Valentim não o impedia, agora, de tentar vencer o companheiro na luta pelo amor da nobre moça.

E como acontece com pessoas boas que de repente se modificam para pior, Proteu teve de superar a voz de sua consciência, por dois motivos, principalmente. Em primeiro lugar, ele renunciava ao amor de Júlia, depois de lhe ter jurado fidelidade; e, em segundo, passava a considerar o grande amigo Valentim como um perigoso rival, que precisava ser afastado.

Assim, devido a sua inesperada paixão por Sílvia, Proteu passou a ter atitudes inconvenientes e maldosas, mas o fazia com a máxima naturalidade – pior de tudo, sem qualquer ponta de arrependimento, indiferente ao mal que poderia fazer ao antigo amor e ao companheiro de longa data.

Valentim, é claro, não desconfiou de nada. E, como confiava cegamente no amigo Proteu, revelou-lhe detalhes de sua paixão por Sílvia. Disse, por exemplo, que ele e Sílvia se amavam de verdade, mas tudo às escondidas, a fim de que o duque nada soubesse, pois já estava decidido que ela se casaria com dom Túrio.

E disse mais: contou que, sem quaisquer esperanças de conseguir o consentimento do duque, tinha convencido Sílvia a fugir naquela mesma noite. Os dois iriam para a cidade de Mântua, onde se casariam. E para provar o quanto isso era verdade, Valentim mostrou ao amigo uma escada de cordas. Com a ajuda da tal escadinha, assim que escurecesse, ele ajudaria Sílvia a fugir por uma das janelas do palácio.

Após ouvir o fiel relato desses importantes segredos do antigo companheiro, que lhe foram revelados em plena confiança, Proteu, como

um péssimo e falso amigo, resolveu procurar o duque, a fim de denunciar Valentim.

Diante de seu anfitrião, o duque, Proteu começou uma espécie de lengalenga, só para impressioná-lo. Era óbvio – disse ele ao duque – que, segundo as leis da pura amizade, ele tinha por obrigação esconder o que estava prestes a revelar. Mas, por outro lado – continuou –, por nada neste mundo poderia ser ingrato com aquele nobre senhor que o recebera com tanta consideração. E assim foi, contando descaradamente tudo o que Valentim, em segredo, lhe havia confiado.

Proteu não poupou nenhum detalhe. Descreveu o modo como a moça fugiria do palácio e o uso da escadinha de cordas, instrumento que Valentim pretendia esconder debaixo de uma grossa capa.

O falso amigo esperava que, diante daquela acusação, o duque tomasse alguma atitude contra seu ex-companheiro e atual rival no coração de Sílvia. A sorte estava lançada: traído, o fidalgo Valentim seria naturalmente uma carta fora do baralho, deixando livre o caminho a fim de que ele, Proteu, conquistasse em definitivo os afetos da bela moça.

Conforme o esperado, o duque ficou bastante impressionado com as palavras de Proteu. Sim, aquele fidalgo recém-chegado de Verona era, com certeza, um milagre de honestidade. Ele preferira revelar-lhe as intenções de um velho amigo, em vez de apoiar um ato injusto e condenável. Por isso, depois de elogiá-lo bastante, o duque prometeu que Valentim jamais saberia de quem havia partido a denúncia, pois pretendia usar um truque qualquer a fim de que o acusado, ele próprio, se revelasse.

Logo que caiu a noite, e com uma engenhosa ideia em mente, o duque esperou pela chegada do seu jovem hóspede. E viu quando Valentim se aproximava apressadamente do palácio, usando uma pesada capa, aparentando levar sob esta um volumoso objeto, o qual o duque deduziu ser a tal escadinha de cordas.

— Por que tanta pressa, meu caro Valentim? — perguntou, abordando o rapaz.

— Acontece — respondeu o jovem — que há um mensageiro à minha espera para levar umas cartas a meus amigos de Verona.

— Algo importante?

— Nem tanto, meu senhor, a não ser confessar a meu pai que estou bem e muito feliz como hóspede desta corte.

— Ótimo! — tornou o duque — Como não se trata de nada urgente, peço que fique um pouco mais aqui comigo. Sabe por quê? Porque pretendo pedir-lhe um conselho.

Bastante esperto, o duque de Milão começou dizendo que, como era do conhecimento geral, ele decidira casar a filha com dom Túrio, mas Sílvia teimava em desobedecer às suas ordens.

— Francamente, meu caro Valentim, é como se Sílvia não fosse minha filha e eu não fosse seu pai, a quem ela deve obediência. Confesso-lhe que esse estranho procedimento de minha menina



afastou de mim o amor que eu lhe dedicava. Eu tinha a esperança de que, com a chegada dos anos, seria recompensado tendo uma filha obediente. Mas não foi assim e, como resolvi me casar novamente, estou disposto a entregar Sílvia a quem queira ficar com ela, mas sem nenhum dote.

Sem imaginar até onde tudo aquilo o levaria, Valentim perguntou:

— O que o senhor deseja de mim?

— Muito simples: a mulher com quem desejo me casar é bela e bem-comportada, mas é jovem. Como a maneira de cortejar uma mulher mudou bastante desde que eu era mais moço, peço-lhe que me oriente sobre como isso se faz nos dias de hoje.

Pronto: a isca estava lançada! Valentim imediatamente forneceu ao duque uma ideia geral das técnicas que conhecia, conforme praticadas pelos jovens, as quais incluíam presentes, visitas frequentes, coisas assim.

O duque confidenciou que sua eleita havia recusado um seu presente. E revelou que, como esta era mantida em casa, pelo pai, com o máximo de rigor, seria simplesmente impossível vê-la durante o dia.

— Nesse caso — sugeriu Valentim —, por que não procurá-la à noite?

— Acontece que, à noite — concluiu o esperto duque, que se aproximava do final do seu plano — as portas de seu quarto estão sempre bem-trancadas.

O jovem de Verona, sem ter o menor cuidado com o que dizia, propôs que o duque, para ir ao quarto de sua amada, à noite, se servisse de uma escada de cordas, e recomendou que escondesse a escadinha por baixo de uma grossa capa, igual à que ele usava no momento.

— Emprésteme então essa sua capa — pediu o duque, que inventara toda aquela longa prosa com o único objetivo de desmascarar Valentim. E, assim falando, sem qualquer cerimônia, puxou a capa do fidalgo de Verona. Foi quando tomou um susto, pois além da malfeita escada de cordas, o duque encontrou uma carta de sua filha, em que esta descrevia, em detalhes, o plano de fuga dos dois apaixonados.

Irritado, o duque censurou duramente Valentim por sua ingratidão.

Chegava a ser um absurdo que aquele simpático fidalgo de Verona lhe retribuísse todos os favores recebidos daquela forma: tentando fugir com sua filha. E, para fazê-lo pagar por seu lamentável comportamento, expulsou Valentim de suas terras, da corte e da cidade de Milão. E não era apenas isso: o ingrato Valentim ficava obrigado a partir naquela mesma noite, e não lhe seria permitindo sequer se despedir de Sílvia. Um duro castigo, com toda a certeza.

Enquanto Proteu, ao longe, traía o ex-amigo Valentim, a jovem Júlia, em Verona, chorava a falta do namorado. E tanto chorou que, num gesto de grande desespero, resolveu ir também para Milão.

Por uma questão de segurança, ao viajar por aquelas estradas desconhecidas, Júlia e sua criada Miranda partiram em trajes masculinos. E, assim disfarçadas, chegaram a Milão pouco depois de Valentim ter sido expulso da cidade, fato este que as moças ignoravam.

Chegando a Milão por volta do meio-dia, as duas viajantes hospedaram-se numa estalagem. Júlia, sempre pensando em seu adorado Proteu, puxou conversa com o hospedeiro, na esperança de conseguir notícias de seu namorado.

O hospedeiro tomou Júlia, de fato, por um homem e, julgando por sua aparência, concluiu tratar-se de um nobre. Além disso, ficou impressionado com o jeito simples e familiar como aquele jovem cidadão lhe dirigia a palavra. E, como era um homem sensível, lamentou vê-lo tão triste.

Decidido a alegrar, tanto quanto possível aquele novo hóspede, o simpático estalajadeiro prometeu levá-lo aonde poderiam ouvir uma boa música: alguém faria naquela noite, uma serenata à sua amada. Um espetáculo digno de se ver e ouvir, era o que garantia.

Havia uma razão para a tristeza de Júlia: ela ignorava qual poderia ser a reação do namorado. O que ele acharia da sua imprudente viagem? Afinal, ele sempre afirmava que a amava por ser uma donzela recatada e de caráter digno. Tinha medo que Proteu, em virtude disso, esfriasse seu amor.

Júlia aceitou com alegria a oferta do hospedeiro, de ouvirem música. Em segredo, tinha a esperança de, assim, encontrar-se com Proteu.

Mas a serenata era no palácio do duque de Milão, e quando Júlia – sempre disfarçada de homem – lá chegou deu-se o contrário do que esperava o jovem hospedeiro, que queria alegrá-la. Pois chegaram no mesmo instante em que o inconstante e ingrato Proteu fazia uma serenata para Sílvia, dirigindo-lhe muitas palavras de amor e de profunda admiração.

Júlia ficou observando a cena, e assim pode ouvir Sílvia, à sacada da janela, censurar Proteu por ter abandonado seu verdadeiro amor de Verona e por ter traído Valentim. Depois de dizer isso, Sílvia se retirou da sacada da janela, preferindo não mais ouvir nem a música nem as belas palavras do seresteiro.

Embora Júlia sofresse bastante com o que via, ainda assim continuou amando o irresponsável Proteu. E, ao saber que Proteu despedira fazia pouco tempo um de seus empregados, pediu a ajuda do prestativo hospedeiro. Que tal se este conseguisse que Proteu o contratasse como pajem?

O plano era perfeito. Proteu precisava de um ajudante e, como Júlia usava roupas masculinas, tudo se encaixava.

Ignorando que o tal Sebastião — assim se chamava o falso pajem — era Júlia disfarçada, Proteu o contratou. Para começar, mandou que o rapaz levasse cartas e presentes a Sílvia. Dentre os presentes havia até mesmo o anel que tinha recebido de Júlia, quando se despediram em Verona.

Júlia obedeceu com tristeza, mas ficou aliviada quando por fim falou com Sílvia: a filha do duque fazia questão de rejeitar, de todas as formas, aquela proposta de namoro. Júlia — ou Sebastião — ficou então a conversar com Sílvia. Disse que conhecia pessoalmente o primeiro amor de Proteu – ela mesma – e que sabia que a moça o adorava. A rejeição de Proteu certamente a deixaria infeliz e magoada. E completou:

— Sabe que eu e Júlia temos a mesma altura? E a cor dos cabelos e dos olhos é a mesma.



Ninguém poderia jamais desconfiar do disfarce de Júlia. Pois, vestida como um homem, ela parecia de fato um belíssimo moço.

Sílvia sentiu uma grande pena de Júlia, a jovem tão tristemente rejeitada pelo homem a quem amava.

— É uma vergonha que Proteu tenha me mandado até mesmo esse anel! — exclamou revoltada. — E sabe por quê? Porque, por mais de uma vez, ele me disse que isso aí havia sido um presente da namorada.

Mexendo em seus pertences, Sílvia deu então a Sebastião uma bolsa com moedas de ouro, dizendo:

— É bom saber que alguém tem piedade daquela pobre moça. Tome esta bolsa que eu lhe ofereço em intenção de Júlia.

Todas aquelas palavras, pronunciadas pela gentil rival, alegravam o coração maltratado do falso pajem.

Voltando ao exilado Valentim, este não sabia exatamente o que fazer. Sabia apenas que não desejava voltar para a casa de seu pai, naquela desgraçada condição de expulso de Milão. Assim, ao caminhar por uma floresta solitária, não muito distante da cidade, foi assaltado por bandoleiros.

Valentim disse aos bandidos que era um homem infeliz, que acabava de ser expulso do ducado de Milão. Por isso não tinha dinheiro; suas únicas posses eram as roupas que usava.

Aconteceu então um imprevisto, uma coisa que ele jamais imaginaria que pudesse acontecer. Os bandoleiros perceberam que ele era realmente um homem amargurado e ficaram também impressionados com aquele ar de nobreza, aqueles gestos corajosos. Daí, a inesperada proposta: que tal se ele, Valentim, se juntasse ao grupo para ser o chefe ou o comandante do bando? Sim, eles estavam precisando de um líder a quem todos haveriam de obedecer. Havia, no entanto, uma condição especial: se Valentim recusasse a proposta, seria um homem morto.

O jovem, que àquela altura pouco se incomodava com seu próprio destino, concordou em conviver com os ladrões e ser seu comandante. Mas exigia que ninguém violentasse mulheres ou investisse contra viajantes pobres. Foi assim que o Valentim tornou-se, como



Robin Hood, de quem ele ouvira falar em inúmeras baladas, o chefe de bandoleiros e marginais. E deste modo foi encontrado por Sílvia, conforme se segue.

Sílvia não queria se casar com dom Túrio, o noivo escolhido por seu pai, que não admitia recusas. Resolveu então procurar por Valentim, em Mântua, cidade onde, conforme lhe disseram, ele deveria estar refugiado. Uma informação falsa, naturalmente, pois ele vivia na floresta, em companhia de bandoleiros, que o tratavam por chefe. A diferença era que, sendo um homem de bom caráter, ele jamais participava de saques, e usava sua autoridade para forçar os bandidos a demonstrar compaixão pelos viajantes assaltados.

A fim de fugir do palácio do duque, Sílvia contou com a ajuda de Eglamour, um honrado senhor, de idade já avançada. Ele se comprometera a acompanhá-la durante a viagem, a fim de protegê-la na estrada. Tendo de atravessar a floresta onde Valentim e seu bando operavam, Sílvia foi aprisionada por um assaltante, mas o velho conseguiu fugir.

O ladrão, ao perceber o medo no rosto de Sílvia, pediu-lhe que não se alarmasse. Iria apenas levá-la à caverna onde se encontrava seu chefe, um homem a quem não deveria jamais temer, pois tinha uma mente honrada e sempre demonstrava consideração para com as mulheres. A moça, contudo, pouco se impressionou com o que ouvia. Sabia que estava sendo levada prisioneira e era isso o que importava.

— Oh! Valentim, meu amor! — murmurava Sílvia. — O que não sofro por você?

Mas enquanto o ladrão conduzia Sílvia no rumo da caverna de seu chefe, eis que Proteu, acompanhado por Júlia, no seu disfarce masculino de pajem, os atalhou. Sabedor da fuga de Sílvia, Proteu tinha seguido os passos da moça até aquela floresta.

O jovem conseguiu libertar Sílvia das mãos do bandido, mas ela não teve tempo de agradecer-lhe pelo gesto, porque Proteu tornou a incomodá-la com suas propostas de casamento. E enquanto ele insistia com a filha do duque, seu falso pajem — Júlia, na verdade —, tinha medo que Sílvia, em agradecimento a Proteu por tê-la libertado do bandido, terminasse por aceitá-lo.

Nisso, para espanto geral apareceu Valentim, que, sabendo que seus homens haviam aprisionado uma bela dama, tinha vindo mais que depressa à sua procura, a fim de consolá-la e libertá-la.

Proteu, que estivera todo o tempo cortejando a bela Sílvia, envergonhou-se ao ver-se diante do antigo amigo. Sentindo um misto de remorso e arrependimento, contou-lhe tudo o que acontecera e confessou sua grande tristeza por ter-lhe feito tanto mal. E Valentim, que era dotado de uma natureza nobre e generosa, perdoou o traidor. Melhor de tudo, devolveu-lhe o lugar que Proteu sempre tivera em sua amizade e por fim, num súbito gesto de desprendimento, exclamou:

— Está perdoado, meu grande amigo! E eu renuncio a todo o interesse que tive por Sílvia, deixando-a para você.

Foi a gota d'água. Júlia, que de pé, ainda em seu disfarce de pajem, a tudo assistia ao lado do amo, perdeu os sentidos. Ela temia que Proteu aceitasse a oferta, apesar dos protestos de Sílvia.

Enquanto todos os presentes tentavam reanimar o falso pajem, a jovem Sílvia sentia-se como que ofendida por ter sido passada para Proteu. Mas, de certo modo, imaginava que seu Valentim dificilmente insistiria naquela tão generosa manifestação de amizade.

Ao se recuperar do desmaio, comentou o pajem Sebastião:

— Esqueci que meu amo me mandou entregar este anel a Sílvia.

Proteu, ao reconhecer o anel que ele próprio dera de presente à namorada, em troca de um que dela recebera, exclamou:

— Mas esse anel é da Júlia. Como terá chegado a suas mãos?

Ao que o falso pajem respondeu:

— Foi a própria Júlia quem me entregou este anel!

O jovem Proteu olhando atentamente para o pajem, logo percebeu que o falso Sebastião era na verdade sua amada Júlia, disfarçada em trajes masculinos. E como esta lhe havia dado provas de um amor constante e verdadeiro, arrependeu-se. Proteu fez então com que a primeira paixão retornasse a seu coração: por isso, recebeu Júlia de volta, com grande alegria e jurou também que renunciava ao amor de Sílvia. Renunciava, sim, em favor de Valentim, da qual este era mais que merecedor.



Enquanto os antigos amigos Proteu e Valentim se declaravam felizes com a reconciliação e conversavam com suas amadas, foram todos surpreendidos pela repentina chegada do duque de Milão e do fidalgo dom Túrio, que haviam saído à procura de Sílvia.

Ansioso, dom Túrio tentou se apoderar da filha do duque, exclamando:

— Sílvia, você é minha!...

Impetuoso e decidido, Valentim reagiu:

— Chega, Túrio, afaste-se de Sílvia! Se você insistir em dizer que ela é sua, se a você a tocar, nem que seja de leve, terá por recompensa a própria morte.

Ao ouvir a ameaça, dom Túrio, que era um grande covarde, recuou e disse que Sílvia pouco lhe importava e que somente um tolo brigaria por alguém que não o amasse.

O duque, que era um bravo homem, dirigindo-se a dom Túrio, exclamou, aborrecido:

— O senhor foi indigno tanto para conquistar quanto para desprezar minha filha, do modo como o fez agora.

E voltando-se para Valentim, concluiu:

— Parabéns por sua determinação e coragem, Valentim. Você é digno do amor, até mesmo, de uma imperatriz. Eu lhe concedo a mão de minha filha Sílvia, pois de fato você a merece.

Demonstrando grande respeito, Valentim beijou a mão do duque, em alegria e agradecimento pelo nobre presente recebido: a meiga Sílvia. E aproveitou o instante para defender os bandoleiros da floresta, pedindo ao senhor duque que os perdoasse. Em sua opinião, haveria entre os tais ladrões muitos homens bons. Devidamente reformados e novamente aceitos pela sociedade, seriam bons cidadãos. Afinal, a maioria havia sido expulsa de Milão, tal como acontecera com ele mesmo, Valentim, por infringir leis, não por crimes perversos.

O duque ouviu atentamente o que Valentim lhe dizia e aceitou imediatamente seus pontos de vista.

Quanto a Proteu — o falso amigo —, o duque condenou-o, como castigo por suas faltas, a confessar ali mesmo, na frente de todos, todas

as maldades praticadas. Em seguida, convencido de que o castigo tinha sido exemplar, também o perdoou.

Mais tarde, os dois casais de amantes retornaram a Milão, onde se casaram com as bênçãos do senhor duque e com grandes festas.



Ficha Técnica

A Comédia dos Enganos & Dois Fidalgos de Verona

Texto de Charles e Mary Lamb

Tradução e adaptação de Irênio de Faro

Ilustrações de Adriano Renzi

ISBN: 978-85-61192-10-5

Coordenação editorial de Alberto V. Queiroz

Editoração – Magno Studio

Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP, 2ª edição – 2011

Este livro faz parte do Programa Gosto de Ler,
da Secretaria Municipal de Educação de São José dos Campos

Secretaria Municipal de Educação

Rua Felício Savastano, 240 – Vila Industrial – São José dos Campos – SP -12.220-270

Fone: (12) 3901-2000 – E-mail: 156@sjc.sp.gov.br

Todos os direitos reservados à Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP.

É vedada a reprodução total ou parcial da presente obra sem autorização expressa da detentora dos direitos.



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal



ISBN: 978-85-61192-10-5